

COLÉGIO SANTA CLARA

Estudo do Meio Ubatuba/ Paraty



7º ano A

São Paulo
2015

Colégio Santa Clara

Diário de Viagem Ubatuba/ Paraty

Trabalho desenvolvido pelos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental que compõe uma das produções feitas a partir do estudo do meio realizado em Ubatuba e Paraty, em maio de 2015.

Professores responsáveis pela produção e revisão textual:

Maria Helena Almeida, Regiane Boainain, Shirley Santos, Vera Mortari

Professores Colaboradores: Ademar Pozzer, Luciane Rosenbaum, Renata Perche e Vanessa Queiroz – nosso obrigado pelos momentos concedidos de suas aulas para nossa produção.

Edição gráfica final: Ana Claudia Loureiro

São Paulo - 2015

Quilombo do Campinho da Independência

Dhiogo
João Vitor
Laura
Maria Luiza
Mila
Raissa
Valentina

Dia 11/05/15, segunda-feira

Saímos de São Paulo por volta das 7:30 da manhã, com muito sono, com destino a Paraty. Estávamos muito ansiosos para viajar e chegar logo em Paraty/Ubatuba, pois nós estávamos pensando nos estudos, mas também na diversão que iria acontecer nos três dias.

Muitos estavam indo pela primeira vez para Paraty e os que já haviam ido em outras ocasiões, estavam sentindo a mesma emoção da primeira vez.

Nosso objetivo com essa viagem era aprofundar os nossos estudos feitos durante o primeiro trimestre no nosso colégio Santa Clara. Porém, não faríamos uma viagem turística, mas mesmo assim, nossas expectativas eram grandes, pois seria um estudo diferenciado, fora da sala de aula e conheceríamos coisas que tínhamos visto somente em teoria. E o melhor de tudo é que ficaríamos com todos nossos amigos.

Durante o percurso do ônibus, foi explicado para nós o conhecimento básico que precisaríamos para entendermos mais um pouco da história do Quilombo, que seria o primeiro lugar que visitaríamos. Porém, estávamos meio desinteressados nas explicações, pois tínhamos acordado muito cedo, estávamos com preguiça e sobre a maioria das explicações já tínhamos conhecimento.

Quando acordamos, já estávamos na Vaca Preta (uma lanchonete localizada na Rodovia dos Tamoios). Estávamos com muita fome e sede, pois o lanche recebido no ônibus era um lanche inadequado para comer na parte da manhã, era muito gorduroso e pouco saudável, então comemos coisas gostosas na lanchonete, pois havia mais opções de comida, vários de nós ficamos com os amigos dos outros ônibus.



Estrada e parada na Vaca Preta

Feito o lanche, voltamos ao ônibus e fomos direto para o Quilombo do Campinho da Independência, localizado na região da Costa Verde, entre Ubatuba e Paraty, no quilômetro 584, entre os povoados de Pedra azul e Patrimônio.



Mapa do Quilombo

No caminho, assistimos a vídeos que explicavam um pouco sobre o modo de vida dos quilombolas (modo de viver e pensar) e a cultura afro-brasileira.

Consideramos que os vídeos não ajudaram muito na compreensão do modo de vida no Quilombo, pois o foco era mais no turismo, não na cultura.

No percurso, passamos por muitas praias, muitas áreas arborizadas e com pouco trânsito. Quanto mais perto nós estávamos, mais agitados nós ficávamos. Para chegarmos ao Quilombo, passamos pela BR 101, uma rodovia longitudinal do Brasil. Essa rodovia facilitou o acesso do Quilombo com Paraty, tornando suas terras mais caras, pois isso aumentou a sua infraestrutura, isso é chamado de especulação imobiliária. É importante dizer que as terras do Quilombo não podem ser vendidas, já que fica em uma reserva ecológica.

Descemos do ônibus, havíamos chegado ao Quilombo, mas para chegarmos ao seu restaurante, tivemos de percorrer uma estrada de barro, onde muitas pessoas caíram ou tropeçaram em buracos e pedras, ou até uns que caíram de tanto rir desses.



Restaurante do Quilombo

Quase finalizando o trajeto para o restaurante, um cheiro delicioso de feijoada veio a nosso encontro. Almoçaríamos feijão, arroz e farofa, tudo fresquinho, feito com carinho pelas mulheres quilombolas. Atacamos a esplêndida comida, pois estávamos famintos. A feijoada estava muito boa, as especiarias de

origem quilombola dão um toque especial ao feijão e a carne. Dizem que quando se cozinha com amor, fica tudo muito mais gostoso, porém cada garfada que dávamos, sentíamos e vivíamos um pouco os costumes do povo africano. Os acompanhamentos são tão bons quanto a feijoada, o arroz soltinho e quentinho, a farofa macia, a couve verdinha, bem cozida e bem temperada, tudo isso transforma um simples prato de feijoada em uma história.



Feijoada do restaurante do Quilombo

No Brasil, houve muitos quilombos, como o Zumbi dos Palmares, que foi muito importante para a abolição da escravidão. Foi nesse quilombo que se originaram muitos elementos da cultura brasileira, como a capoeira, uma dança trazida pelo povo africano para o Brasil e a feijoada, prato típico de muitos quilombos como o do Campinho.

Logo após o almoço, conhecemos um gato muito fofo e peludo que chamamos de Lerry, pois um morador quilombola passou por nós, espirrou e fez um barulho semelhante, então achamos engraçado.



Lerry

Fizemos uma visita por todo o Quilombo, onde conhecemos plantas medicinais, como a aroeira, usada após o parto, a folha da bananeira, usada para cicatrizar ferimentos e tivemos a possibilidade de experimentar e ver o Cacau, usado para fazer o famoso chocolate. Os quilombolas cultivam safras de arroz, feijão e milho e também plantam aipim, cana de açúcar, manga, graviola e laranja.



Flores

abacate

aroeira

Visitamos núcleos familiares, que são a junção de casas da mesma família que, antes achávamos que seriam mais pobres, como casas de pau-a-pique, ou seja, madeira e barro, mas ao chegar ao Quilombo, percebemos que eram casas de alvenaria simples, que são tijolos. No Quilombo, vivem 120 famílias, 550 habitantes e tem 270 hectares de terra. Lá havia vários sons de animais, como passarinhos e cachorros diversos.



Núcleos familiares

Também conhecemos o campinho que deu origem ao nome do quilombo, que antes era chamado de Sertão da Independência. Perto do quilombo, havia uma quadra chamada Campo Grande, que era liberada apenas para adultos, para a infelicidade das crianças. Pensando nisso foi construído o campinho para as crianças, em uma antiga plantação de milho de seu Evêncio, assim, muitas crianças, até de outras comunidades quilombolas iam para lá brincar. Daí surgiu o nome do o quilombo.



Campinho que originou o nome do quilombo

Para aumentar a renda, o Quilombo conta com uma loja de artesanato, na qual produtos feitos no quilombo por vinte e sete artesãos são vendidos. Muitas pessoas compraram lindas lembranças.



Artesanato local

Depois da visita pelo Quilombo, foi-nos apresentado o jongo, que é uma dança de origem africana, possivelmente da Angola, significando divertimento que expressa a religião. Essa dança era aceita pelos senhores para que no dia seguinte seus escravos trabalhassem mais felizes, porém, esses senhores não sabiam que durante a dança, os quilombolas faziam seus planos de fuga.

No começo do jongo, os quilombolas distribuíram saias para as meninas, pois queriam mostrar a cultura original, como o uso da saia da dança e as músicas do povo da época da escravidão. Quase todas as meninas ficaram envergonhadas em dançar, pois não sabiam como. Mas para nossa surpresa, foi extremamente divertido e interessante, todos até tentaram dançar e cantar. Essa dança era muito importante para a cultura quilombola, pois simboliza os tempos de escravidão.

A letra dessas músicas evidencia a alegria do povo africano no fim do trabalho escravo, como por exemplo, no trecho: "pisei na pedra, pedra balanciou (2x), levanta meu povo, o cativo se acabou...".



jongo

Mais tarde ouviríamos histórias contadas por uma griô, chamada Benedita. Ela nos contou a história do quilombo. Segundo ela, três escravas domésticas, Luiza, Marcelina e Antonica conseguiram os territórios do quilombo quando seus senhores doaram a elas essas terras que, na época, nada valiam. Benedita nos contou que atualmente há no quilombo escola, mas até o quinto ano apenas. Após esse ano, muitos precisam sair para estudar. A griô falou também que em escolas fora, os quilombolas sofriam muito bullying.

Isso nos fez lembrar do dia da consciência negra. Ela nos disse que era uma festa muito importante, realizada no dia 20/11, pois é considerado um dia vitorioso.

Ela nos disse também que lá existe uma casa de farinha, na qual ao retirar a soja eram feitas a farinha de soja, usada para alimentação no quilombo. Anos após sua fundação, ainda não tinha eletricidade, sem geladeira para a conservação dos alimentos, tendo que guardá-los num balde com gelo. Sua fonte de renda atual são o restaurante e a loja de artesanato.

Segundo a griô, os quilombolas antes tinham de ir até Paraty para vender os produtos aos mineiros, que iam para Minas Gerais pegar ouro. Eles iam a pé e percorriam um caminho de quase quatro horas e meia. Dona Benedita adorava

contar sobre sua época de mocidade, ainda sobre seu bisavô. Seu relato nos tocou tanto que decidimos transcrevê-lo aqui:

"Nessas terras ainda não havia nem relógio, nem bicicleta, nem mesmo burro para ir para Paraty trocar farinha por outros alimentos. Eram quatro horas para ir e quatro para voltar. A gente carregava tudo nas costas e acordávamos com o galo cantando. Era difícil alguém ficar doente, as crianças eles curavam com banhozinho de mato, xarope caseiro, chazinho de rosa branca e muita reza, até hoje temos esses costumes . A tia Madalena reza para as nossas crianças ainda, mas hoje em dia, ela anda meio doente".

Ao fim da palestra, retornamos o caminho para o ônibus. No trajeto, pegamos uma pequena chuva com vento que nos atrapalhou, mas tínhamos capas de chuva, que nos protegeu da água gelada. Achamos muito legal conhecer esse quilombo, pois nos registros da nossa História nos é ensinado, na maior parte das vezes, o ponto de vista do opressor, e não do oprimido. Essa viagem nos mostrou a história de um outro jeito: a versão contada pelos menos respeitados na sociedade.

Fomos para a Pousada da Condessa, nos acomodamos em nossos quartos. Depois, às 19h tomamos banho e recebemos as instruções, que deveríamos estar no salão de jantar às 21h . Ficamos um pouco sem fome, pois comemos bastante feijoada, mas de qualquer forma, a comida estava ótima. Às 21h, participamos de uma palestra sobre os caiçaras, nascidos no litoral, e em seguida, recebemos um barquinho de madeira para pintarmos. Às 23h, voltamos para os quarto com grandes expectativas para o dia seguinte. Antes de dormimos, nós nos lembramos do jongo: "Nós, alunos, dançando jongo com as mulheres quilombolas e aprendendo um pouco sobre sua cultura. Rimos muito de nossas amigas com as saias, que não conheciam a dança...

Ao final da dança, todos nós tivemos que fazer a dança da "umbigada" (dávamos umbigada nas pessoas do nosso lado). Quem disse que aprender é chato?

Fomos para nossas camas e pegamos no sono.

Referências bibliográficas

www.quilombocampinhodaindependencia.blogspot.com.br

www.arte.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=121

www.paraty.com.br/blog/quilombo-do-campinho/

https://pt.wikipedia.org/wiki/Quilombo_Campinho_da_Independ%C3%Aancia

<http://www.pousadadacondessa.com.br/index.html>

<https://saidadeestudos.wordpress.com/2013/10/18/a-religiao-no-quilombo-do-campinho-proposta-de-producao-textual-cronica-historica/>

g1.globo.com/piaui/noticia/2015/04/no-pi-baianos-denunciam-exploracao-de-mao-de-obra-escrava.html

<https://m.youtube.com/watch?v=rNoRmQeCCI8>

<http://www.icmbio.gov.br/cairucu/visitacao/atrativos-culturais.html?start=1>

http://1.bp.blogspot.com/-N-em_ExfZM4/VGtz5apKyDI/AAAAAAAAAbs/gyE89XD65So/s1600/Banner-Campinho-web2.jpg

<http://og.infg.com.br/in/16540714-6a7-5fb/FT1086A/2015062240747.jpg>

http://1.bp.blogspot.com/-L6cBDaFt1CM/UI2C8JL1m_I/AAAAAAAAAMo/w6DbxDDdGhU/s1600/Mapa_campinho.jpg

https://www.google.com.br/search?q=vaca+preta+restaurante&esqv=2&biw=1024&bih=505&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMIxb3Qrr3UxwIVgxOQCh2tRw_L#imgrc=mwnb1BAgMS1q0M%3A

Núcleo Picinguaba

Bruno Griska
Gabriela Truffi
Julia Rebouças
Luigi Paladino
Luiza Dias
Mariana Daré

12/05/2015 - terça-feira

Acordamos às seis da manhã com batidas nas portas dos nossos quartos. É claro que todos reclamaram, pois dormimos muito tarde, devido à oficina de barcos.

O café da manhã era às sete horas. Todos nós gostamos do café, que era muito diversificado e delicioso.

Depois de uma longa e demorada fila para entrar no ônibus, fomos para o Núcleo Picinguaba.

A viagem era longa e assistimos a um vídeo com aulas de Ciências para saber mais sobre os ecossistemas que iríamos visitar: manguezal, praia, restinga e costão rochoso, que ficavam no bioma Mata Atlântica. O manguezal é um ecossistema muito importante pela riqueza de nutrientes em seu solo. Nós também aprendemos com o vídeo sobre o costão rochoso.

Chegamos ao Núcleo Picinguaba, no Parque estadual da Serra do Mar (PESM), e assistimos a uma palestra. A palestra era sobre o funcionamento do parque, que é dividido em Núcleos. O PESM está localizado no município de Ubatuba e lá são encontrados praticamente todos os ecossistemas mais conhecidos da Mata Atlântica. O Núcleo Picinguaba é o mais importante do PESM, pois é o único que chega até a praia, além disso, é muito importante, pois

com ele os ecossistemas estão protegidos do desmatamento, pois só temos 7% da vegetação original da Mata Atlântica, e o parque protege uma parte dela.

Após a palestra, fomos separados em grupos, pois éramos muitos. Um dos grupos começaria visitando o manguezal e o outro, a praia, restinga e costão rochoso.

A praia era bonita, pois não havia construções e não era muito movimentada (na verdade estava vazia). Andamos por ela e recolhemos seres vivos que estavam na areia. Encontramos vários crustáceos, algumas águas vivas e um pedaço de uma esponja. O costão rochoso possui várias plantas, que variam de acordo com o nível do mar. Depois, devolvemos os seres ao oceano, pois era o lugar a que eles pertenciam. No final, tivemos um tempo para ficar no mar, enquanto o grupo que estava no passeio de barco não chegava.



Praia da Fazenda, localizada no Núcleo Picinguaba, no PESH, no município de Ubatuba

Não foi possível ver o costão rochoso, pois a maré estava muito alta.

O manguezal é formado por água salobra. A água tem uma salinidade muito grande, e todas as plantas são adaptadas à falta de oxigênio e à alta salinidade. As plantas têm galhos de apoio e cada folha tem uma camada de sal, por conta da maresia.

No manguezal, nos locomovemos de barco, onde duas pessoas remavam. Nós gostamos muito de remar, houve um momento do trajeto em que pudemos descer do barco e andar pelo manguezal. O manguezal era limpo, e o solo afundava. Fizemos uma competição para ver que barco chegava primeiro no fim do trajeto.



Manguezal do Núcleo Pícinguaba

Após a praia e o manguezal, voltamos para o ônibus, todos se trocaram. Após o Núcleo, fomos direto para a pousada, precisávamos almoçar, pois à tarde, ainda teríamos muito mais.

Centro Histórico de Paraty

Bernardo Barreto
Flavia Mugiuda
Giovanna Ribeiro
Júlia Tezzon Proença
Lara Izaki
Marcelo Dokter

12/05/2015 - terça-feira

No segundo dia de viagem, após o almoço, fomos conhecer o centro histórico de Paraty, que é tombado como patrimônio histórico e cultural.

Chegando lá, vimos que as ruas eram fechadas para evitar a passagem de carros a fim de preservar o local, mantendo o encanto colonial, iniciado em 1500, quando os portugueses aqui chegaram e finalizado em 1700.

O calçamento das ruas de Paraty com pedras irregulares começou no século XVII, graças ao desenvolvimento trazido pelo ciclo do ouro. Paraty foi um das cidades mais importantes para este ciclo, pois servia como porto para a exportação do ouro para Portugal. Entretanto, foi a riqueza gerada pelo ciclo do café que terminou a calçar todas as ruas. As pedras eram necessárias porque as tropas de mulas, carregadas com ouro ou café, faziam grandes atoleiros nos dias chuvosos e nuvens de poeira nos dias de sol.



Calçamento das ruas do centro histórico de Paraty

O centro histórico possuía várias igrejas, porém ao longo dos séculos, algumas igrejas foram destruídas e hoje apenas existem quatro igrejas, e nós visitamos todas elas.

A primeira igreja foi a Igreja da Matriz, também conhecida como Igreja Nossa Senhora dos Remédios. Essa igreja demorou quase 90 anos para ser construída (1787-1873). Ela se localiza em frente à Praça da Matriz. Por falta de dinheiro, ela demorou para ser terminada, porém com o ciclo do ouro isso foi possível. Essa igreja tem uma pequena inclinação para a direita, pois foi construída em cima de manguezal. Por falta de dinheiro na obra a igreja não teve suas duas torres concluídas.



Igreja da Matriz



Interior da Igreja da Matriz

Prosseguimos para a Igreja Nossa Senhora das Dores. Ela foi construída em 1800, porém com a decadência da cidade, que começou em 1870, a igreja foi abandonada até 1901 quando a Irmandade de Nossa Senhora das Dores a reformou. Uma irmandade é um grupo de mulheres que se baseia em doutrinas ou preceitos religiosos. Essa igreja foi projetada para ter duas torres, porém não foi concluída. Nossa Senhora das Dores é uma santa que os portugueses cultuavam. Nós achamos muito bonita essa igreja e bem preservada.



Igreja Nossa senhora das Dores que fica de frente para o mar.

A terceira igreja que visitamos foi a Igreja da Santa Rita. Essa igreja é uma cartão postal da cidade, ou seja, é um símbolo dela. Ela está localizada também de frente para o mar. Ela é a igreja mais antiga de Paraty e também uma das mais preservadas. Foi aberta em 30 de junho de 1722 para o público. Ao lado dela está o cemitério da Irmandade, construída no século XIX.

Em frente à igreja há o Chafariz de Pedreira, que abastecia a cidade de água e também alguns tropeiros (conductor de tropas de animais como mulas). Surgiu então a lenda da noiva sedenta. “Conta-se que há alguns anos após o término da construção da Igreja de Santa Rita, foi programado um casamento. Tudo preparado depois de muitos meses, chegou o grande dia. Na manhã da data marcada, acabou por acontecer um fato inusitado, a moça, vestida de noiva, foi encontrada morta e, o que seria uma data festiva, acabou por ter um desfecho triste. Após o velório, o noivo desesperado, quase chegando à loucura, contrariando a todos, resolveu ficar em frente à igreja e lá pelas tantas, segundo a lenda, fala-se que o portão do cemitério se abriu e de dentro dele uma mulher vestida de noiva saiu e se dirigiu a um pequeno bebedouro que existia ali em frente.

O rapaz mesmo não entendendo o que via foi em direção à mulher, que naquele instante estava tomando água. A mulher virou-se para ele e disse que a causa de sua morte foi sede. O rapaz, aos gritos, saiu pela cidade acordando

todos, exigindo que o túmulo de sua amada noiva fosse aberto. Na manhã seguinte, na primeira luz do dia, foi constatado que o corpo da mulher estava virado de bruços. Fala-se que até hoje na data correspondente ao dia em que seria o casamento, uma mulher, vestida de noiva, é vista andando em frente à igreja.” Só estamos contando a lenda, a comprovação fica a cargo do corajoso que se prontificar de sair na data marcada, à meia noite, para ver se, de fato, ela aparece vestida de noiva. Reza a lenda que os solteiros precisam correr, pois a noiva ainda quer se casar.



O Chafariz de Pedreira- em frente à Igreja de Santa Rita

A última igreja que visitamos foi a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, essa igreja era destinada a escravos e teve sua construção iniciada em 1725 e terminada em 1757. Existiam igrejas para negros e brancos, pois os brancos achavam que os negros ainda eram considerados mercadorias. Sendo assim, eles eram vistos como uma classe inferior aos brancos, por esse motivo não poderiam frequentar a mesma igreja que o branco. Daí havia igrejas para negros, mais simples, e igrejas mais luxuosas para os brancos. Atualmente essa divisão não existe mais, porém, infelizmente, a ideia de racismo ainda está muito presente.



Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito

Logo após a visita às igrejas, fomos conhecer outras construções importantes da cidade. A primeira que visitamos foi a Câmara Municipal, o local onde vereadores se encontram para discutir assuntos municipais. Ela teve sua parte inferior construída no século XVIII e sua parte superior no século XIX. No seu interior, há sofás, pertencentes à loja maçônica, cujos símbolos são o triângulo e o dossel.

É importante dizer que a maçonaria em Paraty deixou uma grande marca na arquitetura local. Ela está presente em muitos sobrados e neles existem vários símbolos maçons. Um exemplo disso é que em quase todas as esquinas, há três cunhais de pedra lavrada, formando um triângulo imaginário, que representa Deus, era também o local onde os maçons se encontravam.



Cunhal de pedra lavrada, símbolo maçom

Outra construção que observamos foi a Casa da Cultura. Ela foi construída em 1754. No início do século XX, ela funcionou como uma escola e se transformou em 1990 na atual Casa da Cultura. Sua arquitetura é uma das mais representativas dos século XVIII segundo a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura).

O Sobrado do Príncipe, localizado de frente para o mar, é pertencente ao bisneto da Princesa Isabel e se a monarquia ainda estivesse presente no país, o príncipe seria coroado rei. O sobrado não é colonial, ele foi erguido, séculos depois, seguindo os padrões da cidade.

As casas na Rua da Praia foram construídas por volta dos séculos XVIII e XIX. Essas casas não possuem janelas, pois era a principal área de comércio do centro histórico. Hoje essas casas são usadas como ateliers. Como não há nenhuma janela, as portas nas partes superiores são abertas para que entre luminosidade e o vento possa circular.



Casas na Rua da Praia

O Sobrado dos Abacaxis tem ricos detalhes arquitetônicos com ornamentos maçons na fachada. Em muitas casas, a maçonaria estava presente. As sacadas têm grades de ferro e com adornos em forma de abacaxis. Os abacaxis representavam um símbolo de riqueza.



Sobrado dos Abacaxis

O último local visitado foi o Quartel da Fortaleza de Patitiba, ele fica ao lado da Igreja de Santa Rita, construído em 1703. Essa construção era um dos elementos da Fortaleza de Patitiba. No fim do século XIX, o local foi reformado e utilizado até 1980 como cadeia pública. Atualmente, o local é uma biblioteca. Nós achamos o local bem conservado, porém não achamos muito bonito.

Na nossa opinião, o Centro histórico de Paraty é bem conservado, nós sentimos que estávamos na época colonial, pois o centro histórico mostrou para nós como era a vida antigamente cheio de riquezas e detalhes

Logo após a visita ao centro histórico, voltamos para o hotel e tivemos nosso lazer. Após o jantar, tivemos a Ciranda, que é uma dança típica da cultura de Paraty. A ciranda é conhecida como uma dança de roda que é tradicional em diversos locais do país, mas mais tradicional no litoral. A ciranda em Paraty encanta muitos moradores e turistas e reflete a origem cultural caiçara com traços da colonização portuguesa e também da cultura indígena. Ela se remete às danças europeias de salão e as palmas e batidas da cultura indígena. A ciranda tem muitas danças e músicas diferentes. Uma das músicas que dançamos foi a da arara. Os cirandeiros são as pessoas que tocam as músicas. Nós achamos essa dança muito divertida e interessante. Depois da ciranda, fomos dormir, pois estávamos exaustos, o dia havia sido longo.

Referências bibliográficas

Texto

<http://odia.ig.com.br/odiaestado/2014-07-22/paraty-se-prepara-para-ser-patrimonio-da-unesco.html>

<http://www.significados.com.br/irmandade/>

<http://www.paraty.com.br/bairros/centro/>

http://www.paraty.com.br/igreja_santarita.asp

http://www.paraty.tur.br/centro_historico.php

<http://paratyvirtual.com.br/lendas.asp>

<http://www.suapesquisa.com/colonia/>

http://www.paraty.tur.br/ciclo_do_ouro.php

<http://www.dicio.com.br/tropeiro/>

<http://www.efdeportes.com/efd168/cirandas-de-paraty-resgate-da-cultura-caicara.htm>

<http://www.cirandocaicaradeparaty.wordpress.com>

Fotos

https://www.google.com.br/search?q=igreja+de+nossa+senhora+do+ros%C3%A1rio+e+s%C3%A3o+benedito+paraty&espv=2&biw=1142&bih=658&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0CAYQAUoAWoVChMItoH_iJ_UxwIVg4aQCh14IAvC&dpr=0.9#imgrc=kx8XhTF6dzbD1M%3A

https://www.google.com.br/search?q=igreja+da+matriz+paraty&espv=2&biw=1142&bih=658&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0CAcQAUoAmoVChMI_fClpJnUxwIVAR2QCh0rXQHq&dpr=0.9#imgrc=ssLxbaBY2Kw6WM%3A

| (O resto das fotos foram de autoria própria).

Livros

VAZ, Maria Luísa e PANAZZO, Silvia. Jornadas. . São Paulo:Saraiva,2012

TODOS OS SITES FORAM ACESSADOS DIAS 8,9,10 e 21 de junho de 2015 e dias 21,24,25,28,29,30 e 31 de agosto de 2015.

Aldeia Boa Vista

**Millena Fierz
Helena Wong
Lucca Cerf
Cynthia de Haan
Nicholas Motta
Giovanna Scalon**

13/05/15- Último dia do nosso Estudo do Meio

Acordamos no último dia do nosso incrível Estudo do Meio a Paraty/Ubatuba, às 6 horas da manhã e percebemos que estava chovendo, e por isso ficamos um pouco desanimados. Em seguida, fomos tomar café da manhã na pousada Condessa. A comida estava ótima, tinha muitas variedades, como frutas, pães, doces e etc. A programação do dia era visitar a Aldeia Boa Vista (um lugar onde o povo indígena habita), que se localiza no topo de uma montanha em



Pousada Condessa, localizada em Paraty - RJ

Ubatuba-SP, em Prumirim, área de Mata Atlântica, com 920,66 hectares (cada hectare equivale a 10.000 m²), que só é acessível pela rodovia Rio-Santos (BR-101).

O nosso objetivo era conhecer a Aldeia Boa Vista para conhecer o diferente modo de vida, ver a condição de vida dos indígenas, que é

bem diferente, saber mais sobre a Mata Atlântica e conhecer diferentes culturas. Neste momento, ficamos esperando para o pior, aliás, a aldeia só era acessível por uma estrada de terra de 2 quilômetros a pé, e subir tudo isso por uma montanha íngreme em uma estrada barrosa, por conta da chuva, não parecia fácil, porém os indígenas daquela aldeia costumam fazer isso sempre para se locomover da Aldeia até outros lugares.

Enfim, nós arrumamos nossas malas e fomos para o ônibus, mas antes de entrar, os monitores nos barraram para verificar se não tínhamos esquecido nada na mochila, e por incrível que pareça, muitos esqueceram. Por conta da demora para verificar as mochilas, acabamos nos atrasando um pouco para nossa partida até a aldeia. Como era possível perceber, nosso dia não tinha começado nada bem.

Após um tempo de viagem, deram-nos um comunicado que mudou nossas vidas, disseram que os indígenas da Aldeia Boa Vista tinham mandado uma mensagem dizendo que por conta da chuva, a trilha estava inacessível e correríamos um grande risco para chegar lá, então o ônibus foi redirecionado para o Aquário de Ubatuba, o que para nós foi uma excelente ideia de última hora, pois descobrimos bastante sobre os animais aquáticos. A maioria das pessoas ficou triste, pois queriam ir até a aldeia conhecer diferentes modos de vida e comprar artesanato indígena, mas temos que admitir que várias pessoas ficaram contentes por não termos mais que subir toda aquela ladeira.

Apesar da mudança de planos, não podemos dizer que não sabemos sobre a Aldeia Boa Vista. Conhecimento temos, mas não conseguimos o mais importante: a vivência com essa diferente cultura e a experiência do contato com o local. Aprendemos que a Aldeia Boa Vista se iniciou por volta do ano de 1960, com três famílias da Aldeia Rio-Silveira. A etnia (grupo de seres da mesma raça e cultura) dos índios daquela aldeia é a Guarani, e a língua falada é Guarani-Mbya (o significado de Mbya é a igualdade entre os seres). As casas antigamente eram feitas de pau-a-pique, mas, atualmente, são de alvenaria, com telhas, mas mantém o hábito de serem redondas. Em alguns locais da aldeia há placas

solares para conseguir energia. A aldeia tem uma escola bilíngue (português e guarani), que vai até a oitava série, nono ano, e antes quem cuidava da escola era a FUNAI (Fundação Nacional do Índio), agora é o governo do Estado de São Paulo. Hoje em dia, os indígenas não podem caçar, pois é uma área de preservação e eles são proibidos pelo IBAMA, e assim a cultura deles é um pouco afetada, pois caçar é tradição para eles, e tem uma agricultura mínima.

Quando alguém fica doente, o Pajé que cuida da cura, mas se a doença fica séria, a pessoa é levada ao posto de saúde da Aldeia ou de Ubatuba. Outro aspecto importante é que os indígenas possuem dois nomes: um em Guarani e outro em português. Em relação à renda, aprendemos que eles, para sobreviver, vendem artesanato. A aldeia tem uma loja de artesanato, uma de suas fontes de renda. É evidente que isso não gera tanto dinheiro, por isso eles têm uma vida precária.

Na época colonial, a aldeia não tinha tanta infraestrutura, mas após a construção da BR-101 a infraestrutura aumentou, aumentando também o preço das terras.

Quando chegamos ao Aquário, tumultuamos a entrada, pois o nosso grupo era muito grande, formado por trinta e cinco pessoas. A importância de um Aquário para visitação   mostrar como esses animais são importantes e como não prejudicá-los, cuidando do meio ambiente, e além disso fazer com que espécies em extin o sobrevivam. Ao entrarmos l , notamos que a luminosidade era baixa e que, ao tentar tirar fotos dos animais, ficava com reflexo através do vidro, mas a instala o do Aquário era boa e comportava bem a quantidade de seres vivos, mas havia poucos visitantes olhando os animais.



Lagosta do Aquário



Durante nossa experiência no Aquário, vimos ouriços-do-mar, estrelas-do-mar, pepinos-do-mar, pinguins, cavalos marinhos, tartarugas, jacarés, iguanas, peixes, leões marinhos, tubarão-lixo, lagostas brancas vermelhas, laranjas, arraia, moreia, entre outros. Um bicho que chamou nossa atenção foi o caranguejo-

aranha, pois nunca tínhamos visto e ele era muito diferente dos outros animais.



Em seguida, fomos até a lanchonete, onde tinha um espaço que era possível tocar e sentir estrelas-do-mar, pepinos-do-mar e ouriços-do-mar vivos, e vimos que esses animais eram mais duros do que pensávamos, e sentimos aflição.

Depois fomos até o “Museu da Vida Marinha”, localizado no interior do Aquário, onde havia um espaço educativo para jogos, como desenterrar fósseis dos animais da areia, lousa para desenhar um jogo em que as pessoas eram os pinos do “tabuleiro”, e alguns de nós jogamos os jogos e achamos bem diferentes, pois nunca tínhamos jogado antes e nunca tínhamos visto jogos como esses em algum museu.

Dentro do Museu da Vida Marinha, havia um espaço onde eram demonstrados os lixos recolhidos em uma praia de Ubatuba (como aparelhos dentários, papel, garrafas, latas de refrigerante, e restos de embalagem. Isso permitiu que refletíssemos sobre o péssimo modo como a nossa sociedade utiliza o lixo e a poluição do mundo como consequência disso. Sentimo-nos mal

por ver todo o lixo deixado na praia. Depois fomos para uma loja, onde pudemos comprar vários utensílios, o que foi bem irônico, pois tínhamos acabado de observar todo o lixo que criamos e espalhamos, e em seguida fomos para um lugar comprar coisas que no futuro poderão ser lixo também e fomos embora de lá.



Espaço onde são demonstrados os lixos recolhidos na praia

Nesta hora, estávamos famintos, então fomos para o restaurante chamado Raízes, que ficava no outro lado da rua do Aquário, e provavelmente tem esse nome por causa da árvore, que tem dentro dele. Após a nossa excelente refeição que, infelizmente, foi apressada, seguimos para o ônibus para voltar a São Paulo. No caminho de volta, a polícia nos barrou, por causa do tráfico de drogas intenso na região, e vasculhou uma parte do ônibus, mas no final não tinha nada lá e voltamos a São Paulo. Muitos amigos dormiram na viagem de volta.

Quando chegamos a São Paulo, por volta das 19:30, estávamos cansados. Permanecemos no ônibus até nossos responsáveis chegarem e nos chamarem, encerrando nosso cansativo, porém incrível estudo.

Referências bibliográficas

Aquário de Ubatuba. Disponível em: <http://aguariodeubatuba.com.br/>. Acesso em 27/08/2015.

Litoral Brasileiro. Disponível em: <http://www.litoralbrasileiro.com.br/sp/ubatuba/indios-de-ubatuba/aldeia-boa-vista/>. Acesso em 29/04/2015.

Purcino WordPress. Disponível em: <http://purcino.wordpress.com/2014/01/26/aldeia-indigena-boa-vista-ubatuba-sp/>. Acesso em 30/04/2015.

Fundart. Disponível em: <http://Fundart.com.br/dtPortifolioapresentação-aldeia-boa-vista/>. Acesso em 30/04/2015

Serve cultural. Disponível em: http://servecultural.com.br/kalix/guarani_boavista2.html. Acesso em 30/04/2015